

# Discurso em homenagem aos formandos do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia UERN / Caicó – 28/07/2005

*Prof. João Batista Xavier<sup>1</sup>*

## 1. Reflexão sobre a relação entre o Homem e o Mundo

Com a consolidação do capitalismo no século XIX e sua fase monopolista no início do século XX, os estudiosos analisaram as relações entre pessoas, tribos e civilizações chegando à conclusão de que cada pessoa humana e cada produto humano ainda tinham uma origem cultural óbvia. Tudo e todos pertenciam a algum lugar – isto é, tinham antecedentes ou contexto nos quais poderiam ser enquadrados. Os estudiosos eram capazes de identificar rapidamente, com uma margem mínima de erro, quase tudo que lhes fossem apresentados. Neste contexto, observe que identificar alguma coisa significa dar o seu endereço, lugar e data de origem, dentro de alguma tradição cultural que evoluiu historicamente desde o neolítico até as principais décadas do século passado. Cada período em desenvolvimento era visto com uma totalidade coerente e cada povo via o resto do mundo profundamente como Outro (alienígena, estranho, exótico, externo, estrangeiro), a tal ponto que muitos povos consideraram o contato com o Outro como causador de profanação (CUPITT, 1999, p. 100).

Dentro desta visão de mundo, o estado normal e feliz de coisas no mundo humano é aquele em que a tribo, o grupo linguístico, o Estado – Nação estão eternamente em paz, unidos em adoração ao seu próprio Deus e, externamente, sempre preparados militarmente para se defender dos Outros a sua vontade. Esse estado mais feliz de coisas é o estado de guerra declarada. As pessoas estão unidas voltando todo o seu ódio e agressão externamente para o outro, no entanto, sentem-se profundamente em paz com o seu grupo e consigo mesmo (CUPITT, 1999, p. 101).

No final do século XX, em plena fase de globalização econômica e informacional, constata-se que o progresso promovido pela sociedade capitalista não resolveu a problemática do homem, gerando um abismo que separa ricos e pobres, onde milhões de pessoas vivem com fome, sobrevivendo, muitas vezes, com dificuldades, atrofiadas por deficiências cerebrais em consequência da desnutrição. Isto ocorre num mundo que tem a capacidade técnica de alimentar toda a sua população, porém tem suas amarras fincadas em um modelo sociopolítico e econômico, impotente para avançar na superação de tais problemas.

Ao longo da história do capitalismo o socialismo real se apresentou como alternativa mas não conseguiu se consolidar como sistema por força das contradições geradas pela luta

---

<sup>1</sup> Diretor do Campus Avançado do Seridó e professor de filosofia.

de classe internacional. Apesar das dificuldades enfrentadas pelo socialismo real o modelo não se enganou em sua visão de uma sociedade em que se garantiria o necessário para a vida de todos (PIXLEY, 2003, p. 07).

Contra os frutos desumanos que o capitalismo produz estamos convencidos de que um mundo diferente é possível, se as vítimas excluídas desse mundo tiverem consciência de sua exclusão e se organizarem como frente de resistência e produção de alternativa. Os movimentos sociais, políticos e religiosos, no mundo inteiro, apontam saídas do reino da cultura da morte para o mundo de paz e justiça social procurando construir um novo projeto civilizatório de globalização includente, cujas práticas políticas estão em geração em todo o mundo (SUNG, 1997, p. 157).

Nesta perspectiva de construção de um novo projeto civilizatório de globalização includente, gestado a partir da crise da civilização ocidental, percebemos que com o processo rápido de globalização cultural em andamento tem-se gerado um profundo desafio a todas as nossas maneiras ancestrais de pensar, sentir e construir os vários mundos. Todas as grandes sínteses filosóficas e teológicas que contribuíram para sustentar a dominação e a exploração dos povos reforçando os velhos tribalismos, os velhos etnonacionalismos e as velhas religiões, estão em vias de superação, isto porque estas concepções ao longo dos séculos contribuíram para fomentar o ódio e a violência contra o outro demonizado.

O herege, o apóstata, o pagão, o infiel, o inimigo de Deus, o estrangeiro sujo – são termos de um vocábulo que não podemos mais aceitar. O mundo ficou muito pequeno e povoado para permitir o uso de tal linguagem. A nova cultura globalizada rompe as barreiras do espaço e do tempo. O velho estilo de vida enraizada no lugar e no tempo, na terra e no parentesco, e em alianças exclusivas nacionais e religiosas já está perdendo espaço. Já sabemos muito e nos tornamos demasiadamente plurais. (CUPITT, 1999, p. 102.104).

Portanto, os grandes sistemas filosóficos e as grandes narrativas religiosas que sustentaram os vários tipos de etnonacionalismo e fundamentalismos religiosos estão em via de superação ou são obrigados a reverem os seus pressupostos para se adequarem às exigências dos novos tempos. No mundo fragmentado e plural perde a razão de existir os sistemas filosóficos ideologizados e petrificados, tais como as concepções cientificistas dogmatizadas, o positivismo, os marxismos que pretendem se apresentar como verdades absolutas e eternas, como também as doutrinas retas que sustentam as instituições religiosas monoteístas que excluem a experiência religiosa do Outro. No Ocidente a Igreja Católica Romana expressou muito bem, a partir da Idade Média, sua visão de mundo em que colocava Deus como centro e criador de todas as coisas e que a igreja representava Deus na terra e fora dela não havia salvação. Postura esta que determinava uma única forma de religião como sendo salvífica, contribuindo, no decorrer dos séculos para o afastamento de outras experiências cristãs, sobretudo o Cisma do Oriente no século XI e a Reforma Protestante no século XVI.

Frente a esta realidade de um mundo em crise, sem fundamento, vazio e sem um sentido claro, onde reina a pobreza e o crescimento da miséria, temos de revirar a sociedade pelo avesso na busca da invenção de novas formas de convivência, de novos modos e de relações de produção e de partilha em que a desigualdade, a hierarquia e o consenso passivo sejam

substituídos pela ênfase na responsabilidade, na diferença, na solidariedade, na afirmação da vida (LINHARES E GARCIA, 1996, p. 18).

## **2. As limitações da UERN frente às possibilidades de avanços para um mundo humanizado**

Na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, ao longo de sua história, tem predominado esta cultura política autoritária, senso comum na mentalidade das elites políticas regionais, refletindo nas relações de poder do interior da instituição universitária. Esta mesma cultura está interiorizada na mentalidade de grande parte da esquerda, principalmente desta Universidade, impedindo que o novo aconteça a partir do aprofundamento das relações democráticas, perpetrando assim relações que tem como base a lógica da política partidária, expressa na luta do poder pelo poder, com a pretensão de usar a máquina administrativa e o jogo de influências dos grupos políticos locais que estejam em sintonia com o Governador de plantão no Palácio Potengi. Assim a Universidade fica exposta à ingerência política nas suas grandes decisões.

O professor José Walter da Fonseca, na sua primeira eleição para Reitor da UERN (década de 90), expressou que não tinha incluído no seu programa de campanha (Agenda 21) a mudança da legislação que regulamentava o processo eleitoral para que o pleito se tornasse mais democrático, porque “não era de interesse do governo Garibaldi Alves Filho entregar a UERN ao PT”.

Hoje, está no Palácio Potengi a Governadora Prof<sup>a</sup>. Wilma de Faria do Partido Socialista Brasileiro – PSB, agremiação de centro-esquerda, que chegou ao poder por força de alianças com a direita e com uma parcela do centro esquerda. Após a eleição municipal de Natal, em 2004, grande parte da esquerda passou a apoiar o governo Estadual, principalmente o PT, com a expectativa de apoio futuro da Governadora à reeleição de Luís Inácio Lula da Silva para Presidência da República. Portanto, dentro da nova realidade política do Estado, as relações dos dirigentes da UERN com o poder político estadual tem se pautado apenas no que diz respeito às questões administrativas e tais relações ao logo desses últimos quatro anos, conforme revelaram os jornais e as informações de bastidores foram muito traumáticas, comprovando as ingerências políticas e o adiamento das discussões das políticas universitária, reforçando assim a tese do esvaziamento do discurso de autonomia e democracia, utilizadas pelos dirigentes da UERN e pelas lideranças do movimento docente. Estas relações entre UERN e Governo do Estado, não acontecem em torno de uma disputa entre projetos de Universidade, mas em torno de interesses políticos partidários com a intenção de manter o controle da instituição universitária, tendo por objetivo fortalecer projetos pessoais, de grupos e de partidos políticos.

Hoje se torna urgente que os segmentos organizados da UERN, principalmente a associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, incentivem o debate e a mobilização da comunidade acadêmica, com a finalidade de elaborar uma proposta alternativa de Universidade, que contemple os princípios de Autonomia Financeira,

Política, Administrativa e Didático-Pedagógica, salvaguardando a Democratização e fazendo com que estes princípios na prática, deixem de servir de slogan em períodos de campanha de Reitor e de diretores de universidades.

Os setores democráticos e de esquerda na UERN, se desejam realmente mudanças no interior da academia, o momento é propício, isto porque as forças democráticas e de esquerda estão no poder no Estado do Rio Grande do Norte. Caso contrário continuarei afirmando a tese que sempre defendi no interior da universidade, muito antes da Prof<sup>a</sup>. Wilma de Faria ser eleita Governadora do Estado: a médio e em longo prazo não tenho perspectivas de mudanças na legislação da UERN que contribua para a gestão de um novo projeto de universidade, que respeite a autonomia e a democracia, mesmo chegando ao Palácio Potengi Governadores de esquerda ou centro-esquerda. Isto porque, à esquerda e o centro-esquerda, com pequenas exceções, fazem parte da mesma formação cultural autoritária, com tendências a usarem e a instrumentalizarem as instituições universitárias, pondo-as a serviço dos interesses político-partidários, utilizando as mesmas práticas dos grupos tradicionais que tem predominado na história da UERN (UERN: DEMOCRATIZAR É PRECISO. Mossoró/RN, 03/10-2002. p.03).

### 3. Papel do Filósofo para Construção de um Novo Projeto Civilizatório

Dentro da crise da civilização ocidental, no meu olhar de professor, de aprendiz, de cidadão, de simpatizante da filosofia, considero que os filósofos têm sete competências que lhe são próprias no processo de investigação da complexa realidade humana:

1 – Rever através dos seus métodos, os pressupostos metafísicos que sustentam a Civilização Ocidental atingindo **os fundamentos das convicções estabelecidas, das culturas, das regiões, dos valores, das políticas** que fazem parte desta cultura autoritária, obrigando as instituições a reverem os seus princípios e dogmas que sustentam as relações de dominação e de exploração no interior das sociedades de classe, detectando assim, os sinais de um novo projeto civilizatório;

2 – Conhecer **as experiências originárias fundantes das grandes sabedorias e profetismos religiosos do mundo**, procurando saber o que elas têm de importância para fundamentação desse novo projeto. Isto porque, o diálogo com as grandes civilizações contribuirá para detectarmos seus pontos comuns, com a finalidade de unir os povos em favor da paz e da justiça social;

3 – Manter o diálogo e analisar criticamente os **fundamentos da razão iluminista, base das diferentes correntes do pensamento filosófico e científico da modernidade**, tais como: o positivismo, a fenomenologia, o liberalismo, o existencialismo e o marxismo, buscando elementos para a elaboração de um novo paradigma de interpretação da sociedade alternativa;

4 – Ter conhecimento do que acontece no mundo detectando **os sinais dos tempos que apontem para o mundo que há de vir**;

**5 – Lutar contra o pensamento e a cultura política autoritária excludente enraizada no interior das instituições da sociedade civil**, principalmente nas Universidades, instrumentalizadas pelas elites econômicas, políticas e até mesmo religiosas, para propagarem a cultura da morte em detrimento da vida. Cultura política esta que impede o homem de transcender esta realidade caótica buscando alternativas viáveis para solucionar os problemas do homem, que o capitalismo em suas diversas fases não deu respostas;

**6 – Combater a cultura da morte construindo espaços democráticos para discussão da problemática vigente com o intuito de aprofundar a democracia**, pois não teremos uma democracia verdadeira em termos políticos, econômicos e sociais, se não aprofundarmos a democracia no interior das instituições da sociedade civil.

**7 – Exercitar as práticas democráticas e fomentar o diálogo**, respeitando todas as tendências filosóficas, políticas e ideológicas afugentando assim, o corporativismo e as igrejinhas no interior das instâncias da universidade que exclui o Outro que pensa diferente, gerando conflitos que não ajudam a construir uma alternativa de universidade numa perspectiva de um novo projeto de sociedade.

Para por em prática as idéias de um novo projeto de Universidade que venha a fortalecer o poder acadêmico, temos de democratizar as nossas relações e práticas no interior da Instituição, em detrimento dos interesses e da lógica da política partidária. Caso contrário, os discursos de autonomia e de democracia daqueles que pregam mudanças servirá apenas de verniz para escamotear os interesses daqueles que desejam chegar ao poder burocrático universitário, continuando com as mesmas práticas autoritárias e excludentes, impedindo assim as mudanças que venham fortalecer o Ensino, a Pesquisa e a Extensão numa perspectiva de transformação da sociedade, recuperando assim a credibilidade da UERN, o que é uma tarefa difícil e exige tempo. Exige que se penetre na instituição e se examine concretamente quais são as saídas, em face das dificuldades e dos problemas existentes. Exige que se questione de forma conseqüente, e não apenas em termos de discurso, sua função de produção e disseminação do conhecimento e a sua competência para formar profissionais, procurando-se alternativas, estabelecendo-se prioridades, numa política de ensino, pesquisa e extensão, voltados para realidade nacional e regional (FÁVERO, 1986, p.701).

Para concluir quero estender esta homenagem a todos aqueles que contribuíram para consolidação deste convênio assinado pelo Governo do Estado, a Diocese de Caicó e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Agradeço a Dom Jaime Vieira Rocha, Mons. Ausônio Tércio de Araújo, Reitor José Walter Fonseca, Vice Reitora Olga Oliveira, Padre Francisco de Assis Costa, Padre José Tadeu, aos meus colegas professores do departamento de filosofia que confiaram a minha pessoa tamanha responsabilidade para que enquadrasse o curso de filosofia eclesástica da Diocese de Caicó às normas da UERN, e em seguida nomeado coordenador pedagógico com a incumbência de realizar o processo de incorporação. Gostaria de ressaltar que em nenhum momento os dirigentes da Igreja e da Universidade colocaram qualquer obstáculo ao desenvolvimento desta

tarefa. Trabalhei livremente em sintonia com meus colegas professores e funcionários e com a equipe zelosa do Departamento de Admissão e Registro Escolar – DARE.

Nossos agradecimentos de coração a Pró-Reitora de Recursos Humanos Professora Sirleyde Dias, ao Pró-Reitor de Administração Professor Francisco Hélio, e a Pró-Reitora de Ensino e Graduação professora Elizabeth Silva e toda a equipe do DARE, que não mediram esforços para atender na medida do possível os pleitos do Curso de Filosofia de Caicó.

Meu reconhecimento ao trabalho abnegado dos professores associados, José Tadeu, hoje Coordenador Administrativo; Everaldo de Araújo, Emerson Azevedo, José Teixeira Neto, meu substituto na coordenação pedagógica, hoje pertencendo aos quadros da UERN, Fátima Gomes; Graça Leal; Ivanaldo Oliveira, pertencendo hoje aos quadros da UERN; José Francisco (Deda), José Eudo, Francisco Borges, Alexandro Araújo de Medeiros, que contribuíram substancialmente para consolidar a primeira etapa deste projeto.

Um abraço fraterno de agradecimento aos ex-funcionários, Nauber Anderson, Francisco Marconde, Aldo Batista, João Diniz e aos funcionários atuais Sandra Santos, Wendel Carlos, Francineuma de Medeiros que foram pessoas fundamentais para o êxito deste convenio.

Minha gratidão ao Ex-Reitor Padre Francisco de Assis Costa e ao Reitor Padre Lucena e aos Seminaristas do Seminário Santo Cura D'Arc a acolhida carinhosa durante o período de quatro anos.

Não posso deixar de mencionar aqui o apoio a mim concedido através de todo o alunado do Curso de Filosofia, que durante cinco anos me agüentaram como professor e coordenador pedagógico, mas sempre me trataram com muito carinho e respeito.

Por último, um agradecimento especial a esta turma concluinte do antigo Curso de Filosofia Eclesiástico, que me escolheu como Parainfo Geral. Espero que este curso de filosofia tenha transmitido os instrumentos adequados para o desenvolvimento de suas potencialidades no futuro profissional, como também tenham ajudado a compreender que na vida profissional não somos professores para nós mesmos, mas para servimos melhor aos outros.

MUITO OBRIGADO!

## Referências bibliográficas

- CUPITT, D. *Depois de Deus: O futuro da religião*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- PIXLEY, J. (Coord.). *Por um Mundo Diferente: Alternativas para um mercado global*. Petrópolis/RJ.: Vozes, 2003.
- SUNG, J. M. Exclusão Social: *Um tema teológico?* In: Revista de Estudo de Religião. Ano XI n. 13, dez, 1997.
- LINHARES, C. F. e GARCIA, R. L. (Coord.). *Dilemas de Um Final de Século: O que pensam os intelectuais*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- FÁVERO, M. de L. *A Universidade em Questão. Como resgatar suas relações*. In.: Anais da Conferência Brasileira de Educação, v. 2 – CBE, 4., 1986, Goiânia. São Paulo: Cortez, 1986.